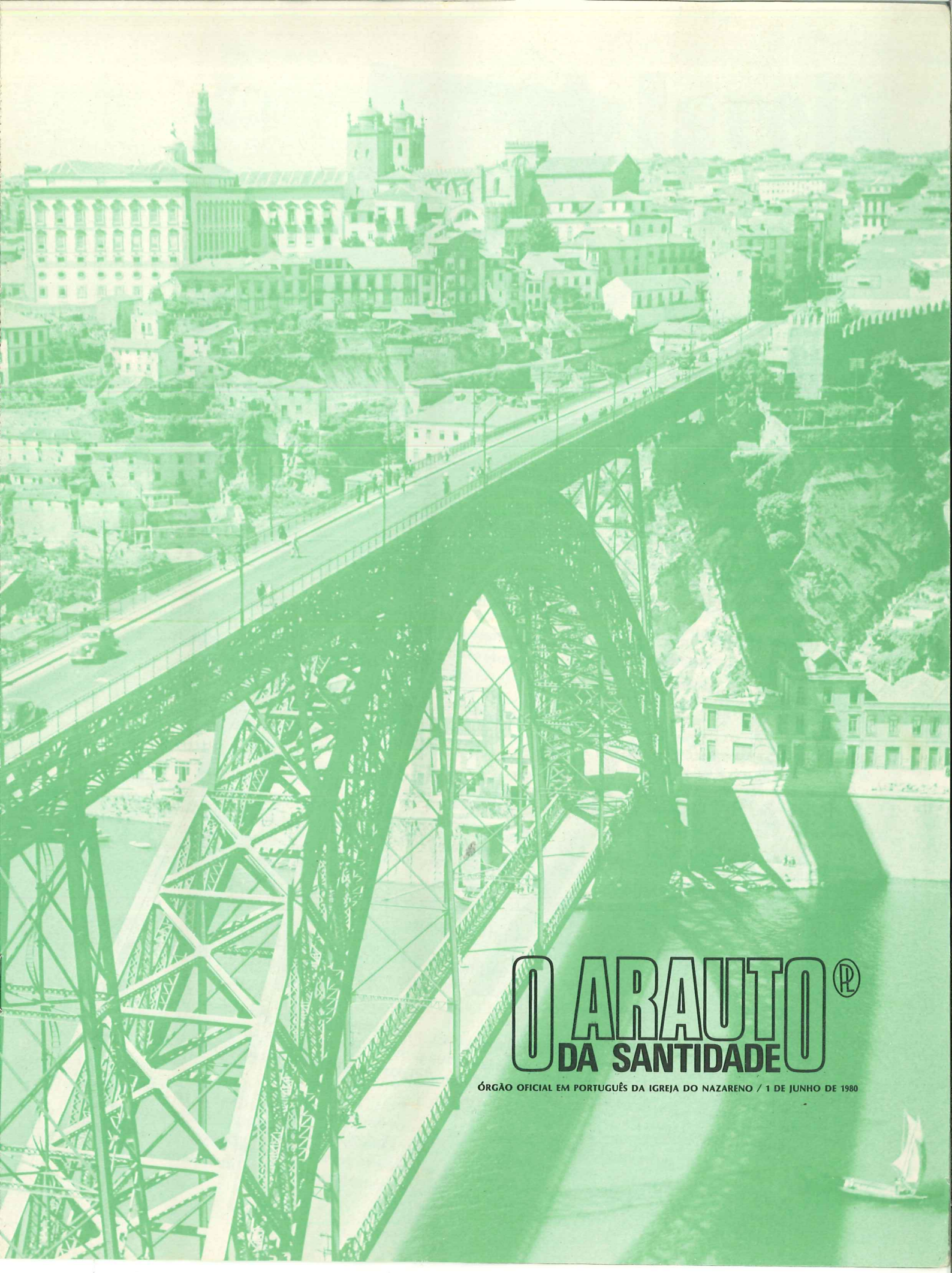


O ARAUTO® DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 1 DE JUNHO DE 1980

Foto por Eduardo Vidal Giro

TEMPO DE VOTAR

• Pode ser um rectângulo perfurado, para fácil computação electrónica. Outras vezes, é uma folha ou pedacito de papel lançado na urna de votos.

Em todos os casos, porém, representa direito e responsabilidade sagrados: o de escolher alguém para cargo importante na Igreja.

Este processo vem de longe na história do Cristianismo. Caracteriza o seu espírito democrático e sua confiança na maturidade dos seguidores de Jesus Cristo.

A escolha é um processo de selecção em que fala alto o nosso sistema de valores. Por isso, diz-se no mundo secular que temos os líderes que merecemos. Na Igreja, porém, este resultado pode ser desastroso. Aqui, o critério de selecção deve levar-nos a eleger os líderes de que precisamos.

Países e organizações são rigorosos quanto ao registro e capacitação do votante. Há restrições de idade, situação económica, social e até política.

A Igreja sofrerá se descurar, nesta área, princípios de orientação equilibrados e justos. Entretanto, para ela, os factores restritivos darão ênfase à idoneidade moral e espiritual do eleitor. Ao limitar o voto local aos membros comungantes, a igreja não deseja formar um clube fechado; simplesmente, preservar o nivel e o espírito em que o Corpo de Cristo deve continuar a cumprir a sua missão.

O acesso à urna nunca foi garantia de escolha acertada. Tem de ser aliado a algo mais: oração, bom senso, interesse do grupo. A nortear tudo, mantenha-se presente a imagem do objectivo supremo da Igreja.

Em Números 14:4, encontramos um dos votos mais tristes lançados pelo chamado "povo de Deus". Frente a problemas, numa fase tensa da sua peregrinação, resolveram voltar atrás. Mas até para a retirada há necessidade de um líder. Assim, "diziam uns aos outros: levantemos um capitão, e voltemos ao Egito."

Capitães da debandada ainda recebem votos. É por isso que a Igreja se alerta e usa sabiamente a liberdade de escolher e apoiar indivíduos. Em muitos casos, as repercussões imediatas deste acto parecem restritas ao ambiente local; neste mês, em que se reune a XX Assembleia Geral da Igreja do Nazareno, o voto de cada participante atinge logo a estrutura da nossa obra no mundo. □

—Jorge de Barros

A Igreja

—V. H. Lewis
Superintendente Geral

● No nosso Manual encontra-se, antes das Regras Gerais, uma secção importante intitulada "A Igreja".

Começa com um parágrafo relativo à Igreja de Deus. Deste conceito espiritual passa às igrejas individuais estabelecidas para benefício das pessoas regeneradas.

É essencial que a Igreja se conheça a si própria, o que é e o que está a fazer neste mundo. Só quando cumpre a finalidade proposta por Deus, justifica a sua existência. A declaração acerca da Igreja do Nazareno é esta:

"A Igreja do Nazareno compõe-se daqueles que voluntariamente se associaram segundo as doutrinas e formas de governo da dita igreja e procuram a santa comunhão cristã, a conversão de pecadores, a inteira santificação dos crentes, a sua edificação em santidade e a simplicidade e poder espiritual manifestos na primitiva Igreja do Novo Testamento, juntamente com a pregação do Evangelho a toda a criatura" (*Manual,* 24).

Constitui privilégio imprescindível de todo o crente a procura de santa comunhão cristã. Esta exige dos membros da igreja a melhor colaboração. Usufruir dela é ter vida no sentido mais genuíno. Você, como membro, deve sentir-se feliz e disposto a ter esta espécie de companheirismo com outros.

A conversão de pecadores deve constituir a preocupação dominante de todos os pastores e em todos os serviços.

Também, a inteira santificação dos crentes é de suma importância. O programa básico de evangelismo de cada ministro deve incluir esta experiência maravilhosa — explicada, pregada, ensinada e oferecida a todos os membros.

Estas dimensões redentoras da Igreja são o ponto de referência para todos os seus programas e actividades. Impedem que qualquer igreja se desvie para coisas triviais e coloque em primeiro lugar as secundárias.

Quando essas dimensões são prioritárias no esforço duma igreja, então a santidade dos membros surge como consequência natural dos cultos, ministério e companheirismo.

A última parte deste magnífico parágrafo fala de conservarmos a simplicidade e poder espirituais manifestos na Igreja do Novo Testamento.

Nós precisamos de ambos: simplicidade e poder. Juntos, actuam harmoniosamente e atingem todo o homem.

Como nazarenos, estudemos de novo esta porção do nosso *Manual.*

Reconheçamos, uma vez mais, por que estamos aqui e perseveremos no propósito pelo qual Deus nos concedeu a existência.

Façamo-lo jubilosos e com determinação, quer como ministros quer como leigos.

Constituirá a nossa nobreza e esplendor, e muitos virão à Igreja para ficar. □

Foto por Ron Galloway

Eles Lêem em Nós

• *O apóstolo Paulo escreveu aos cristãos da cidade de Corinto: "Vós sois a nossa carta, escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens" (II Coríntios 3:2).*

Vemos, assim, que muita gente não lê a Palavra de Deus, mas "lê em nós".

Penso numa senhora que fazia limpeza num estabelecimento comercial. Enquanto limpava os espelhos no lavabo das senhoras, cantarolava um hino.

—Você deve ser feliz, —disse-lhe eu.

—Sou-o, realmente, —replicou ela—porque tenho o Senhor comigo. Ele faz-me cantar quando podia estar chorando!

Essa senhora era uma "carta de boa leitura". A breve conversa que mantive com ela, mudou a minha atitude. Quantas vezes podíamos estar a chorar devido às circunstâncias da vida, mas, porque o Senhor está conosco, podemos cantar!

Temos amigos que não querem saber da igreja. Porquê? Dizem que já viram muitos conflitos, muitos choques de opiniões, muitas cabeças quentes e corações frios! Quando "lêem" os membros da igreja, eles não vêem o fruto do Espírito—amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio" (Gálatas 5:22). Muitas almas se perderão se nós, que nos chamamos **cristãos,** *não formos "bom material de leitura"!*

Conhecem a fábula do gerânio e do cascalho do caminho?

—Quão fragrante estás esta manhã!—disse o cascalho ao gerânio.

—Sim, respondeu o gerânio—pessoas que passam têm-me pisado todo o dia, o que tem feito brotar a minha fragrância!

Como reagimos quando "nos pisam"? Enquanto vivermos, seremos criticados por uma razão ou outra. Pessoas estarão em desacordo conosco. Muitos falarão mal de nós. A maneira como reagimos, depende de quão perto estamos do nosso Senhor. Se permitirmos que mesmo o criticismo reacenda a nossa fragrância, seremos "material de boa leitura" para aqueles que vivem ao nosso redor. □

—Ester Timmer

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume IX
Número 11
1 de Junho de 1980

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ISAAC ABUNDIS, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE *(USPS 393-310)* é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.$2.00; número avulso, U.S.$.10. Favor dirigir toda a correspondência à **Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.**

O ARAUTO DA SANTIDADE *(USPS 393-310)* is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the **Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A.** Subscription price: U.S.$2.00 year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

CAPA: Porto, Portugal.
Foto de Horácio Novaes

1780 O ANO DA ESCOLA DOMINICAL 1980
200 anos

—H. T. Reza

A COMUNIDADE DOS CRENTES

• Não há frase mais evasiva relacionada com a igreja contemporânea do que "a comunidade de crentes".

Pode referir-se a um grupo "separado" de cristãos, a um núcleo de pessoas reunidas com fins espirituais ou profanos.

Também se pode aplicar ao campo de acção dos crentes, a "arena" onde surgem as suas actividades—uma porção de terreno, uma zona geográfica, um edifício ou coisa semelhante.

Por sua vez, "comunidade de crentes" evoca a prática conhecida no início da Igreja em certos lugares, quando os cristãos consideravam património comum todos os seus haveres.

Norman Gordall fala da comunidade de crentes—unidade existente entre aqueles que aceitaram Cristo como Salvador. Todavia, comenta: "A trágica contradição na história do Cristianismo é que, mesmo quando os homens se encontram reunidos em Cristo, a unidade dos cristãos *entre si* foi sempre precária". Equivale a dizer que estão juntos, mas não unidos.

No entanto, o tema da comunidade dos crentes aparece em diversas partes da Bíblia. Os que crêem em Jesus Cristo são *um* n'Ele. Cristo não está dividido. Os cismas não deviam existir. Porém, já Paulo nas suas epístolas procurou sanar os do seu tempo.

Este paradoxo surgiu na história da Igreja com o grande cisma do século XI, entre o catolicismo oriental e ocidental, e com a Reforma Protestante do século XVI.

Expressão clara da comunidade dos crentes é o facto dos cristãos nunca terem perdido de vista que constituem uma família universal, uma só e única *oikoymene* de Cristo. No seio de cada grupo dividido sempre tem havido pessoas que manifestam o dom da unidade entre os crentes e entre Cristo e a Sua Igreja.

Por exemplo, W. Carey, conhecido como "pai das missões modernas", procurou reunir em 1810, no Cabo da Boa Esperança, todos os cristãos. Convocações semelhantes se efectuariam de dez em dez anos. Carey escreveu a A. Fuller expondo a sua ideia. Recebeu a seguinte resposta: "Isso não passa dum dos sonhos agradáveis do irmão Carey".

Embora o seu sonho não se concretizasse de forma universal, cumpriu-se regionalmente—na Índia, Japão e China. Ele escreveu a respeito: "As sombras de preconceitos não obscureceram as nossas reuniões. Ter-lhe-ia feito bem estar connosco. Nestas regiões predomina a maior harmonia e união de corações, desconhecidas na Inglaterra entre pessoas de diferentes denominações".

O termo grego para igreja *(ekklesia)* refere-se aos que estão unidos com um propósito específico, uma assembleia de cidadãos.

Clark Scanlon diz: "Os cristãos são apartados do mundo, das garras do pecado, para proclamarem a mensagem da redenção. Uma verdade bem vincada no Novo Testamento é que a Igreja pertence ao Senhor. Não é organização puramente humana, nem a igreja de fulano, mas a Igreja de Cristo".

Pertencemos ao Senhor como colectividade, porque Lhe pertencemos individualmente. Somos a comunidade dos crentes. □

Morreu A Igreja Institucional?

—W. T. Purkiser

● Conta-se que o famoso escritor Mark Twain encontrou seu nome na coluna de óbitos dum jornal. Então escreveu ao editor a seguinte nota: "Caro senhor: A recente notícia da minha morte foi exagerada e um tanto prematura".

De há muito que se proclama a morte da igreja—pelo menos da chamada "igreja institucional". Alguns anunciam a sua morte quase com alegria; outros, com nostalgia e tristeza. De qualquer modo, são anúncios prematuros e exagerados.

No entanto, ainda continua a teoria da morte da igreja. Os teólogos radicais, ao fracassarem na tentativa de "enterrar" Deus, esforçam-se agora em destruir a igreja.

Certo ex-pastor evangélico declarou que "o Cristianismo da igreja é semelhante a um barco que vai a pique". Enquanto as cerimónias decorrem no pavimento do navio, este começa a afundar-se. Os pastores procuram tapar a brecha, em vez de encaminharem os crentes para os salva-vidas. "Eu", acrescenta ele, "uni-me aos que se esforçam por salvar as pessoas".

De facto, a igreja segue caminho errado se se transforma em clube social ou em sociedade auto-suficiente. Mas é difícil a sua destruição, pois até instituições humanas sem grande interesse público conseguem sobreviver.

E a Igreja não é apenas instituição humana; é também o templo de Deus, o corpo e a noiva de Cristo, e a irmandade do Espírito Santo. A sua preservação e destino firmam-se nesta passagem: "... e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mateus 16:18).

Não significa que a Igreja esteja livre de pressões e preocupações dentro da sua estrutura humana. Mas, assim como o ouro é sempre ouro e cada fragmento se compõe da mesma substância e faz parte da mesma família de metais; assim todo o filho de Deus nascido de novo pertence à família universal e à fraternidade dos santos.

A Igreja será sempre atacada exteriormente, porque pugna contra a má vontade e rebeldia de homens não regenerados. Todavia, só quando ela afrouxar interiormente, estará em perigo a sua existência.

O seu progresso depende dum Evangelho que satisfaça as necessidades humanas mais profundas e de vidas transformadas pelo poder do Espírito Santo.

Evangelho medíocre arrisca o futuro da Igreja. A Palavra de Deus deve ser pregada com clareza e isenta de vãs declarações. Deixemos de filosofar e unamos a fé às verdades espirituais relacionadas com a realidade eterna.

O Evangelho de Cristo é o poder que Deus usa para o arrependimento e paz. Não existe outro caminho para a salvação.

Com todas as suas falhas, quando a Igreja proclama que "Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo" (II Coríntios 5:19), e prega "a mensagem de reconciliação", cumpre uma missão impossível a qualquer instituição. Ela não tem competidores.

Se eu tivesse de escolher, preferia pregar uma poderosa mensagem numa igreja pequena, que uma pregação frouxa num templo sumptuoso.

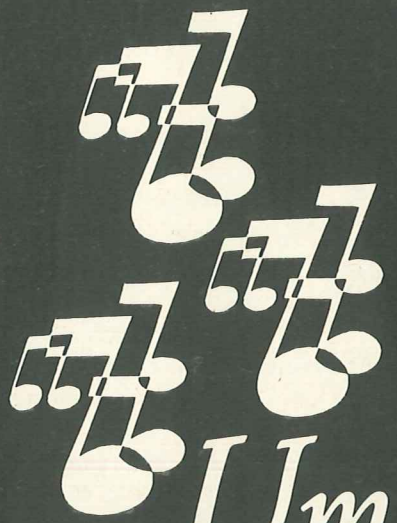
Além do Evangelho, a Igreja deve possuir a vida do Espírito. É necessário ensinar os factos essenciais do Cristianismo, mas eles resultam inúteis sem a compreensão da realidade dinâmica de Cristo. Esta só existe quando há vida abundante.

O bispo Gerald Kennedy lembra que o homem comum crê que a igreja o engana quando não lhe oferece algo mais que um clube social. "Busca as características de santidade nos seus membros. Pensa que se o Cristianismo é como dizem os pregadores, devia transformar a vida dos cristãos. A santidade agrada àqueles que ainda a não experimentaram, mas afastada da vida da igreja não satisfaz. O Cristianismo tem de produzir bons frutos, como a inteira santificação, ou então deixará de atrair."

Sem a vida e o poder do Espírito Santo, facilmente fazemos da igreja um ídolo. Quando o Espírito nos dá a dimensão da vida real, a organização converte-se em organismo. Interessamo-nos mais em relações pessoais do que em arranjos hierárquicos ou materiais; e mais com o povo do que com as coisas.

A Igreja do Deus vivo nunca será destruída pelo homem. Para cumprir a sua missão, ela deve proclamar um Evangelho poderoso e possuir a vitalidade do Espírito. □

FOTO POR WALLOWITCH



Um Dueto na Escuridão

—Albert Lown

• Conta-se a história autêntica dum coro formado por tropas britânicas e alemãs que interpretou cânticos no dia de Natal durante uma das batalhas mais sangrentas da Primeira Guerra Mundial. Com um cenário de trincheiras e o chão coberto de neve, os soldados dos dois exércitos juntaram-se e cantaram em "terra de ninguém", onde momentos antes parecia haver um inferno.

O Novo Testamento apresenta-nos o episódio de Paulo como cantor, especialmente no seu dueto com Silas, à meia-noite, na escura prisão de Filipos. Foi tão inesperado como a estranha ocorrência dos campos de Flandres. O apóstolo Paulo gostava de cantar. Como hebreu, entoaria desde criança os salmos de Davi. Como crente cheio do Espírito Santo, exortou os cristãos de Éfeso a exprimirem as suas emoções com salmos, hinos e cânticos espirituais, louvando a Deus em seus corações.

As doxologias e bênçãos do Apóstolo podiam ser classificadas como composições musicais. Eram expressões de louvor, confiança e gratidão. Além dos "hinos à meia noite", pouca referência temos de Paulo como cantor. O dueto ouvido na cela não eram simples "hinos ao anoitecer", mas um "doce canto de amor e fé".

Para o grupo de prisioneiros, os hinos deviam ter causado tanta surpresa como o terremoto que sobreveio pouco depois. Em qualquer prisão, nem os mais valentes cantariam depois de terem recebido "quarenta açoites" com um látego romano e de serem lançados numa cela.

Paulo e Silas cantaram porque antes tinham orado agradecendo a Deus ter-lhes salvo a vida e dado nova congregação. Também, por poderem renovar os seus votos de servir ao Senhor. A oração produziu entusiasmo contagioso. O tema do "duo" pode apreciar-se pela fé e inspiração da **meia noite** da nossa vida.

Foram hinos de vitória sobre a injustiça, o sofrimento e a angústia. Seus pés estavam presos ao cepo, mas suas almas livres da derrota e decepções. Para eles, os muros de pedra não constituíam prisão, nem as grades de ferro uma cela. O poder do alto muda a maldição em consagração e a tristeza em louvor, quando as circunstâncias são adversas.

Paulo e Silas entoaram um canto de nostalgia por terem perdido o companheirismo de Barnabé. Anteriormente, Paulo perdera familiares, amigos e haveres por causa de Cristo. Deus concedera-lhe Silas por companheiro nas tribulações. O mesmo aconteceu mais tarde com a companhia de Lucas, quando a morte já se abeirava.

A derrota e a perda de liberdade são experiências duras mas às vezes necessárias para nos identificarmos na amizade e companheirismo, durante as provas mais duras.

Foi um canto oportuno. O terremoto não resultou do canto destes homens. (Talvez isso acontecesse se alguns de nós cantassem!) O carcereiro tentou suicidar-se para não perder a honra e o emprego, mas o testemunho e o conselho de Paulo levaram-no à salvação, ao batismo, ao estudo bíblico e ao banquete de fé e amor. Ele e sua família foram salvos e receberam bênçãos abundantes.

Lídia, uma senhora que vendia púrpura, aceitou Cristo numa reunião matutina de oração. Certa jovem possessa de um espírito de adivinhação, foi salva ao meio-dia, no nome de Jesus. O carcereiro foi a terceira pessoa convertida em Filipos, porque "perto da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam hinos a Deus" (Actos 16:25). □

—*Morris Chalfant*

● Jesus Cristo descreveu a condição da igreja de Laodiceia como espiritualmente "morna". É custoso beber um copo de água tépida. Tem sabor desagradável.

Há várias formas de amornar a água. Misturar água fria com quente até a temperatura ficar tépida; ou colocá-la numa vasilha ao lume até começar a aquecer.

A tibieza espiritual segue os mesmos trâmites. Alguns cristãos alcançam boa experiência num momento, mas depois afastam-se demasiado do fogo do Espírito Santo e perdem quase todo o calor. Outros, nunca atingem grande quentura espiritual; conformam-se com um pouco de fervor religioso que os torne respeitáveis.

A moderação constitui a regra popular da religião e moral. As posições moderadas quanto a bebidas alcoólicas, tabaco, dia do Senhor, assistência aos cultos e confirmação da fé, são geralmente bem aceites.

A igreja de Laodiceia não era fria nem carecia de fé. No entanto, compunha-se de cristãos sem fogo, sem fervor no amor do Senhor nem zelo em buscar a Sua semelhança. Eram medíocres, respeitados pelos outros e, aparentemente, satisfeitos consigo mesmos.

A tibieza era o pecado dos cristãos de Laodiceia, pois o mundo não é morno mas frio. Somente os crentes que experimentaram o fervor e a graça podem cair no pecado de arrefecer do primeiro amor. A tibieza ataca e destrói, secretamente, suas vítimas. Quem desconhece seu verdadeiro estado, cai no engodo.

Não há pior engano que a auto-decepção. Nem olhos mais cegos do que aqueles que não querem ver. Nem estado mais desesperante que a luta entre a vida e a morte. É preferível ser-se fervoroso ou frio, mas não morno. Aparentemente acometeu-nos também a tibieza. Queremos estar de bem com todos os homens. Mostramo-nos, exteriormente, rectos. Falamos de religião, mas não somos fervorosos na vida de santidade.

Seremos também nós tíbios na leitura da Palavra de Deus? Talvez passemos mais tempo a ler o jornal do que a Bíblia. Como resultado, conhecemos melhor os acontecimentos actuais que a vontade de Deus para nossas vidas. A Bíblia é nosso credo, todavia desconhecemos seu conteúdo. Lemo-la, mas não a amamos. Examinamo-la, mas não sondamos suas verdades profundas. Não meditamos nela dia e noite. Não somos frios nem quentes, apenas mornos.

Muitos falhamos nas nossas orações. Só oramos com fervor em momentos de desespero. A nossa oração é geralmente sem lágrimas, sem fé e indiferente. Levamos vida tíbia no desempenho das responsabilidades da igreja.

O PECADO DA IGREJA DO SÉCULO XX

Quando Jesus encontrou os discípulos a dormir, disse-lhes: "Dormi agora e descansai" (Marcos 14: 41). Não aprovou a sua indolência, mas queria explicar-lhes: "A vossa oportunidade de ajudar, passou. A luta e a vitória realizaram-se sem a vossa colaboração. Agora todo o vosso esforço será inútil. Já não precisavam de se preocupar. Podiam continuar a dormir".

Quantas vezes a sua igreja tem lutado sem você, sem a sua ajuda, as suas orações e a sua presença? Muitas pessoas não se opõem à igreja. Não se mostram frias nem fervorosas. Conservam-se indiferentes.

Amamos a Deus sem entusiasmo; oramos sem fervor; damos sem sacrifício; testificamos sem o poder do Espírito. E Ele não tolera esta tibieza.

Há razão para crer que o Espírito de Deus apresente à igreja do século XX a mesma mensagem: "Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente... Assim porque és morno e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca" (Apocalipse 3:15-16).

Apesar da tibieza, complacência e auto-suficiência da igreja de Laodiceia, Cristo amou todos os homens e mulheres que dela faziam parte. Não esqueçamos esta verdade: "Eu repreendo e castigo a todos quantos amo" (v. 19).

Existirá hoje, entre nós, o espírito da igreja de Laodiceia? Poderá a igreja arrepender-se? Derramar lágrimas? Escutar a voz do Senhor? O convite estende-se a todos os crentes: "Quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida" (Apocalipse 22:17). Se ouvirmos a chamada ao arrependimento e abrirmos as portas do coração ao Salvador, receberemos a promessa: "Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo" (Apocalipse 3:20).

A Igreja guarde silêncio e a alma esteja atenta, porque já se ouve bater à porta! □

TEMPO DE RENOVAÇÃO

—W. E. McCumber

• A Igreja do Nazareno tem orado de forma especial por reavivamentos. Pastores e leigos são chamados a interceder para que o fogo do Espírito Santo desça sobre cada pessoa, igreja e distrito.

Na sua maior parte, a Igreja do Nazareno é fruto de avivamento. Tem raízes no tempo dos irmãos Wesley, em que estes, por meio da pregação e canto sobre a santidade, desempenharam papel preponderante. As nossas igrejas foram estabelecidas por pregadores e leigos que voluntariamente se sacrificaram, oraram e trabalharam para ministrar o Evangelho às suas comunidades.

Esta grande dedicação a Cristo e ao próximo precisa de ser renovada de vez em quando. A história assegura que Deus reacendeu a chama do avivamento. Ele usa a igreja como poderoso instrumento de evangelização quando os membros estão bastante interessados em se reunir para oração de fé e obediência total.

As Conferências de Evangelismo servem de catalisadores para reavivamento e crescimento. Aqueles que assistem, podem ser revigorados e capacitados por uma visitação poderosa de Deus; ou então, podem continuar na sua rotina, sem sentirem qualquer toque da graça. A decisão estará na mão do homem, através da obediência, oração e fé.

Alguns negam a necessidade de renovação espiritual.

A nossa época está sobrecarregada de horrores. A violência da guerra, as desordens e os crimes arruinam as nações. A fome levanta-se no horizonte do futuro como fantasma ameaçador. A guerra nuclear, com possibilidade de destruição global, é uma ameaça terrível que motiva as decisões políticas mais urgentes. O ateísmo conquista um país após outro, respirando ódio contra a Igreja e desprezo pelos direitos humanos. No mundo "livre", os valores morais são desprezados e os pecados da carne e do espírito atraem as massas.

No meio de confusão política e caos moral, milhares de igrejas dormem inertes e impotentes. Invadidas e dominadas pelo mundo, funcionam quase como clubes sociais religiosos. Rejeitam a autoridade da Escritura, desprezam as crenças tradicionais do Cristianismo; e a sua teologia flutua com as modas, incapaz de proclamar ao homem perdido uma mensagem redentora e reconfortante. A abdicação de responsabilidade e integridade teológicas criou um vácuo que se pretende encher com falsos messias e cultos supersticiosos.

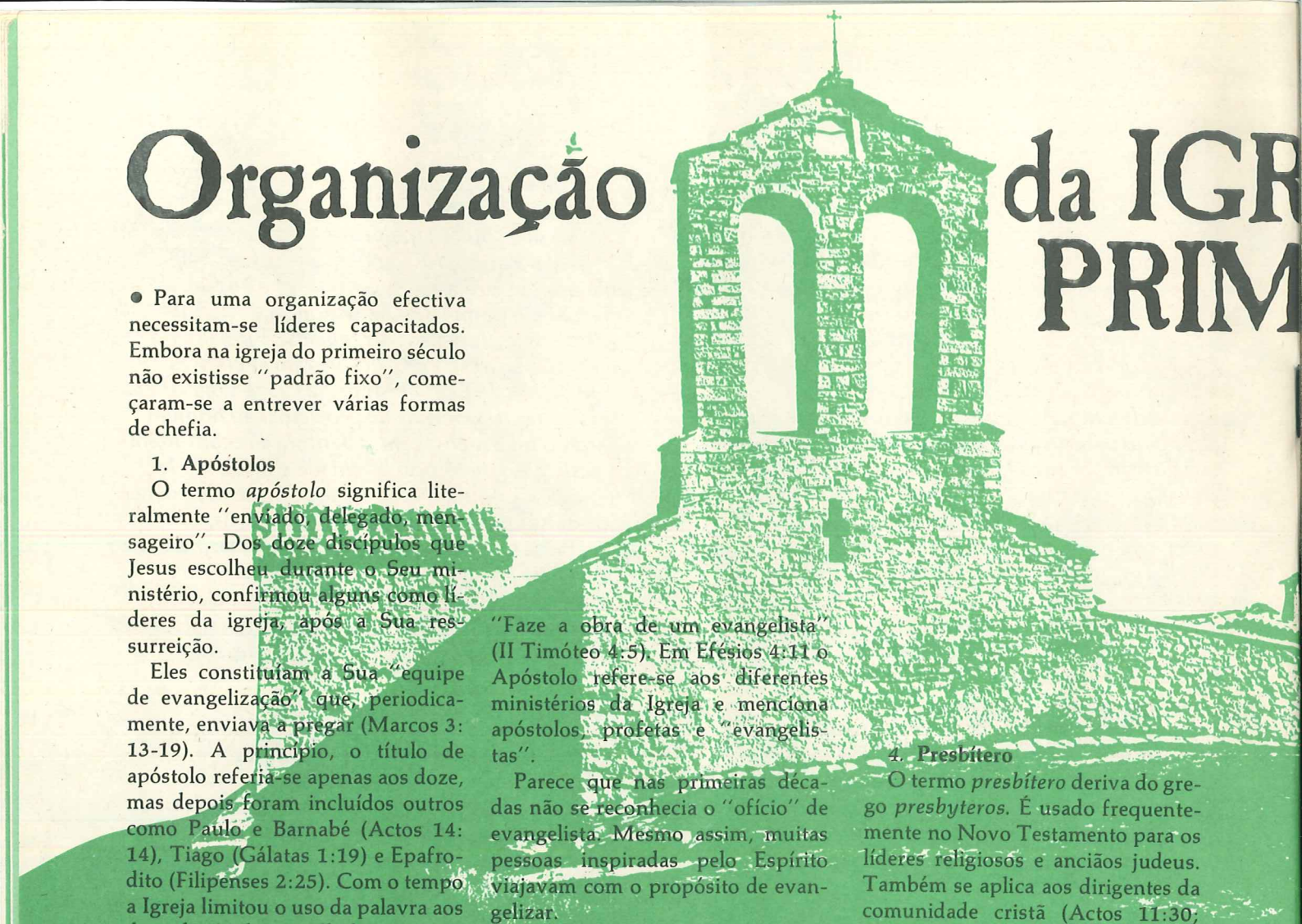
Perante tal necessidade, a Igreja do Nazareno não pode ficar passiva. Precisamos de agir a sério e estabelecer a respeitabilidade religiosa. Dada a ignorância espiritual e a decadência moral do nosso tempo, é hora da luz brilhar e do sal desempenhar a sua função.

Necessitamos de um avivamento que desmascare a hipocrisia e denuncie o pecado. Um reavivamento que produza convicção de "pecado, justiça e juízo". Que incite a Igreja a seguir Jesus no serviço a pobres, enfermos e perdidos. Que dê prioridade ao evangelismo e à educação, sobre a opulência e a comodidade. Um reavivamento que derrube a tirania do egocentrismo e entronize Jesus Cristo como Senhor. Que destrua o orgulho, condene a ganância, afaste a preguiça, cale a intriga e purifique as correntes da água da vida que brotam do coração. Precisamos de um reavivamento de oração, de estudo bíblico, de guardar o dia do Senhor, de pregar o Evangelho e dum Cristianismo prático.

A chamada foi feita. Oremos, creiamos e obedeçamos! □

Foto de Luoma Photos

Organização da IGR PRIM



• Para uma organização efectiva necessitam-se líderes capacitados. Embora na igreja do primeiro século não existisse "padrão fixo", começaram-se a entrever várias formas de chefia.

1. **Apóstolos**

O termo *apóstolo* significa literalmente "enviado, delegado, mensageiro". Dos doze discípulos que Jesus escolheu durante o Seu ministério, confirmou alguns como líderes da igreja, após a Sua ressurreição.

Eles constituíam a Sua "equipe de evangelização" que, periodicamente, enviava a pregar (Marcos 3: 13-19). A princípio, o título de apóstolo referia-se apenas aos doze, mas depois foram incluídos outros como Paulo e Barnabé (Actos 14: 14), Tiago (Gálatas 1:19) e Epafrodito (Filipenses 2:25). Com o tempo a Igreja limitou o uso da palavra aos doze discípulos escolhidos e a Paulo. O apostolado deste último em relação aos doze foi a única excepção.

As principais responsabilidades dos apóstolos consistiam em: (1) Dar testemunho de Cristo, especialmente da Sua ressurreição (Actos 1: 22-23; I Cor. 9:1); (2) cuidar das áreas de pregação (Actos 8:14-25; 9:32; 10:42; Gálatas 2:11-14); e (3) governar a Igreja (Actos 15). O ministério dos apóstolos era universal e orientava-se pelas necessidades do momento.

2. **Evangelistas**

É correcto chamar evangelistas aos que proclamam as Boas Novas. Os apóstolos eram-no, pois compartilhavam com outros a mensagem da redenção.

No entanto, a palavra *evangelista* não se aplicava aos apóstolos do Novo Testamento. Somente aos pregadores ambulantes. Filipe é conhecido como "o evangelista" (Actos 21:8). Paulo urge a Timóteo: "Faze a obra de um evangelista" (II Timóteo 4:5). Em Efésios 4:11 o Apóstolo refere-se aos diferentes ministérios da Igreja e menciona apóstolos, profetas e "evangelistas".

Parece que nas primeiras décadas não se reconhecia o "ofício" de evangelista. Mesmo assim, muitas pessoas inspiradas pelo Espírito viajavam com o propósito de evangelizar.

3. **Profetas, Pastores e Doutores**

Em várias passagens das epístolas de Paulo se mencionam profetas, pastores e doutores (I Cor. 12: 28; Efésios 4:11). Actos 13:1 aponta cinco pessoas designadas como "profetas e doutores", entre as quais Paulo e Barnabé. Provavelmente, nos primeiros anos da Igreja estes títulos referiam-se a uma *função* e não a um *ofício*. Assim, Paulo agia em diversas ocasiões como profeta, pastor, doutor e evangelista.

O profeta era essencialmente pregador, testemunha inspirada pelo Espírito, com uma mensagem especial para a edificação da Igreja (Actos 11:27-30; 21:4, 9; I Cor. 14: 1-40; Efésios 3:4; II Pedro 1:19; Apoc. 19:10). Os pastores e doutores (Efésios 4:11) instruíam e ajudavam a comunidade de crentes no seu crescimento espiritual. Mais tarde as funções ministeriais identificaram-se com as de *presbítero, bispo, diácono* ou *pastor*.

4. **Presbítero**

O termo *presbítero* deriva do grego *presbyteros*. É usado frequentemente no Novo Testamento para os líderes religiosos e anciãos judeus. Também se aplica aos dirigentes da comunidade cristã (Actos 11:30; 14:23; 16:4; 20:17).

Geralmente, o presbítero era uma pessoa madura, respeitada por sua idade, vitalidade espiritual e sabedoria. Era eleito por outros líderes para dirigir uma congregação local (Tito 1:5). Pregava, instruía os recém-convertidos e usufruía salário da igreja (I Tim. 5:17-18). Uma das suas incumbências era a de ordenar ministros jovens, como no caso de Timóteo (I Tim. 4:14; 5:22). Uma igreja local podia ter vários presbíteros ou anciãos. Estes possuíam dons espirituais, formavam a junta da igreja e assumiam responsabilidades económicas e pastorais.

5. **Bispos**

Também se desenvolveu na Igreja do Novo Testamento o ofício de *bispo*. A palavra deriva do termo grego *episcopos* que, literalmente, significa "supervisor".

Aparece seis vezes no Novo Testamento (Actos 20:28; Filip. 1:1; I Tim. 3:1-2; Tito 1:7; I Pedro 2:25).

EJA ITIVA

Os termos *bispo* e *presbítero* surgem indistintamente, mas depois passou-se a escolher o termo bispo para designar administrador (Tito 1:5, 7). De acordo com as cartas pastorais de Paulo, o bispo devia ser irrepreensível (I Tim. 3:2-3; Tito 1: 7-8); bom administrador (I Tim. 3: 5); apto para ensinar (I Tim. 3:2; Tito 1:9).

6. **Diáconos**

Diácono era um servente que fazia trabalhos domésticos. Os sete homens escolhidos pela Igreja Primitiva para servir às mesas chamaram-se *presbíteros*. Na prática, porém, realizavam o serviço daqueles que, depois, foram designados diáconos.

Era natural que a Igreja desse importância ao servir, pois o Senhor se referiu diversas vezes ao discípulo como servo (Marcos 10:43, 45; João 12:26; Efésios 3:7).

Em I Timóteo 3:8-12, Paulo aponta os requisitos do diácono, cujas obrigações quase coincidem com as do presbítero, excepto quanto à pregação e ao ensino. O ministério do diácono na vida da comunidade adquiriu importância à medida que as necessidades materiais dos cristãos cresciam, frente às perseguições e hostilidades.

Impressiona-nos verificar que o Novo Testamento não regista qualquer descrição do clero como surgiu posteriormente na Igreja. Os bispos, presbíteros e diáconos ensinavam, pregavam, administravam e supriam as necessidades da comunidade, da qual faziam parte. Nenhum reclamou posição ministerial superior. Cada crente é sacerdote de Deus e a Igreja, colectivamente, é um sacerdócio real (I Pedro 2:9). □

—W. H. Taylor

Recursos Ignorados

—Jerald D. Johnson*

● *Existe na nossa Igreja grande potencial oculto, de talentos, capacidade e destreza profissional. Durante anos exploramos o potencial dos pregadores e suas aptidões. Por vezes, foram incluídos alguns leigos que contribuíram, com seus estudos académicos, para a educação nos nossos estabelecimentos de ensino. Nos campos missionários também se tem usado pessoal leigo nas instituições médicas e académicas. No entanto, esses talentos representam uma minoria em relação ao que poderíamos ter. Ha ainda um vasto recurso por explorar na edificação do Reino.*

Talvez pensemos que o papel dos homens de negócio, de profissionais e de artífices se resume a sustentadores das missões. Graças a Deus pela sua fidelidade neste ponto. Mas é também necessário que se permita a muitas dessas pessoas a satisfação emocional de poderem contribuir de forma útil e significativa para a expansão da Igreja, através do uso de suas habilidades profissionais.

Tenhamos em conta os homens de negócio que desenvolveram a sua técnica não só quanto a transacções comerciais, mas também quanto a expandir, saber quando e onde comprar, o que é negociável e como fazê-lo. Algumas destas técnicas ajudaram a levantar a Igreja acima dos seus padrões conservativos de crescimento. O mesmo quanto a outros ofícios e profissões.

Como utilizar este potencial é motivo de reflexão, de administração construtiva e de planos por parte dos líderes das igrejas locais, distritais e geral. Nós, a quem foi confiada tal responsabilidade, devemos procurar estimular estes talentos, a fim de que o Senhor que no-los deu, ao regressar nos considere mordomos fiéis.

Alguns dos projectos mais inventivos e desafiantes empreendidos ultimamente na nossa tarefa missionária mundial, foram realizados por pessoas assim capacitadas. Vemos na igreja talentos e habilidades à espera da oportunidade de serem usados. Cremos que o nosso eventual êxito ou fracasso em cumprir a Grande Comissão depende da utilização dos talentos de todos os membros—e não apenas dos missionários chamados e comissionados.

Aproveitemos estes recursos vitais, pois eles nos ajudarão a seguir o verdadeiro caminho no cumprimento da nossa missão mundial. □

*Director executivo do Departamento de Missão Mundial

FRAGMENTOS DUM DISCURSO

• Ao reler o *Discurso Quadrienal da 19a. Assembleia Geral da Junta de Superintendentes Gerais* da nossa Igreja impressionaram-me algumas ideias:

1. "Os fundadores da Igreja do Nazareno confiaram a denominação à vigilância e direcção da Assembleia Geral.

2. "A Assembleia Geral é o povo. A derradeira salvaguarda contra a degeneração doutrinária e o compromisso da ética não é o mecanismo eclesiástico, mas homens e mulheres cheios do Espírito.

3. "Uma igreja neo-testamentária deve estar aberta a mudanças oportunas e construtivas.

4. "Devemos estar preparados para enfrentar mudanças. Deus não permita que sejamos insensatos ao ponto de remover os marcos antigos que servem um propósito sempre actual. Mas, ao mesmo tempo, devemos estar dispostos a mudar noutras áreas. Esta época de necessidades desesperadas exige que nos arrisquemos corajosamente a usar novas técnicas que tornarão mais efectivo o nosso testemunho no mundo.

5. "É opinião unânime da Junta de Superintendentes Gerais que o estado da igreja é animador. A nossa Sião permanece no curso traçado pelos seus fundadores. Isto é verdade a despeito da série inaudita de alterações no corpo executivo e administrativo da denominação.

6. "O nosso maior crescimento está tendo lugar em áreas do mundo fora dos Estados Unidos, Canadá e Ilhas Britânicas... Propomos que esta Assembleia Geral ordene o estabelecimento de uma Comissão para a Internacionalização da Igreja, composta por nazarenos representantes das principais áreas mundiais, para estudar este assunto em profundidade e apresentar as suas recomendações à próxima Assembleia Geral.

7. "Recomendamos que se crie na Junta Geral um Departamento de Comunicações, especialmente a TV, a fim de tornar a nossa igreja, com o seu ministério ímpar, conhecida do mundo.

8. "Que esta Assembleia Geral faça soar por toda a parte que o povo chamado nazareno tem declarado a sua firme lealdade à santidade de coração e vida.

9. "Não afrouxaremos a nossa insistência em que santificação significa separação do mal deste mundo.

10. "A Igreja do Nazareno não comprometerá a sua oposição tradicional a todas as aberrações da doutrina do batismo com o Espírito Santo."

E a junta de Superintendentes Gerais, ao apresentar o imperativo de exaltar o nosso Cristo imutável, salienta as perguntas de James S. Stewart: "Em que se baseia hoje a confiança da nossa Igreja? Na organização mundial, nas boas obras, no entesouramento de tradições veneráveis, no prestígio de Assembleias Gerais, nas experiências e estratégias bem divulgadas, no envolvimento no mundo, nas relações públicas e no uso dos meios de comunicação mais modernos para propagar a fé? Tudo isto tem lugar importante. Mas é essa a nossa confiança como Igreja? Ou não será Cristo e só Cristo a única razão que nos dá direito a existir como Igreja?"

De 19 a 27 deste mês realiza-se em Kansas City, E.U.A., mais uma Assembleia Geral, a vigésima. Estamos certos que os pontos doutrinários aqui focados continuarão firmes. Mudam os métodos e as técnicas, mas a doutrina e o espírito da Igreja permanecem.

Nas palavras do discurso da Junta de Superintendentes Gerais surge com insistência o apelo a todos os nazarenos para que trabalhemos enquanto é dia, pois a noite vem. A necessidade espiritual que nos cerca é grande. Cabe-nos comunicar ao mundo, de modo efectivo, a mensagem e missão da nossa Igreja. Há muita ignorância acerca do que são e crêm os nazarenos. Cada um de nós, no seu posto, converta-se em evangelista. A Igreja conta com todos.

"A santidade é o principal elo que nos une. Afrouxai este e afrouxareis todo o sistema." Que Deus abençoe e dirija não só a quantos têm o privilégio de participar e assistir a esta Assembleia Geral de 1980, mas a todos os nazarenos espalhados pelo mundo. □

—Acácio Pereira

Foto por José Pacheco

—*Colin Wood*

• Num sábado à noite tocou o telefone da igreja a que assistia o presidente duma grande nação. O interlocutor perguntou: "Espera-se que o presidente assista ao culto de amanhã?" O pastor respondeu: "Não posso prometer, mas espero que Deus esteja presente e que isto seja motivo suficiente para termos uma boa assistência".

Por que vamos à igreja? Qual a pessoa que mais queremos ver? O presidente, algum amigo, ou Deus?

Frequentamos a igreja por motivos nem sempre os melhores. Há quem considere a ida à igreja como união social: nova oportunidade de conversar com os amigos; de não se sentir só; de ouvir coros e hinos congregacionais; histórias e anedotas interessantes; e de vestir melhor roupa para chamar a atenção.

UM ENCONTRO PESSOAL COM DEUS. É natural que a maioria goste de conversar com os amigos e conhecer outras pessoas. O companheirismo é agradável e necessário. Deus é que nos deu este dom de união e convivência. Mas a adoração é mais que companheirismo; é um encontro pessoal com Deus.

Mesmo que a igreja contasse com boa assistência, com hinos e música, com excelentes sermões e a comparência do Presidente da República, se lhe faltasse a presença do Espírito Santo, tudo seria vão.

Deus é o alvo da nossa adoração. Uma das definições de adorar é: "Reverenciar e honrar a Deus com o culto religioso que Lhe é devido". Só Ele é digno da nossa oração, adoração e gratidão. "Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder; porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas" (Apocalipse 4:11).

PREPARAÇÃO PARA O CULTO. Algumas pessoas não poupam esforços em preparar-se para assistir a um jogo, ir a uma excursão ou ter um encontro; mas vão à igreja sem qualquer preparação espiritual. Depois estranham que os cultos não sejam abençoados!

Para experimentar a verdadeira adoração precisamos de preparar o coração e mente. Esta deve, logo ao início do culto, desprender-se das preocupações diárias.

A preparação para adorar a Deus inclui nossa participação no culto. Se "não canto este hino por não gostar da música; se não participo na leitura devocional por ser feita no Velho Testamento; se estou cansado demais para ler; se não me interessa a mensagem porque o pastor se exprime com deficiência"; corremos o risco de perder a bênção, de não sentir o espírito da verdadeira adoração. Participemos!

A nossa preparação é incompleta se não contamos ser abençoados e ter um encontro pessoal com Deus. "Buscai e achareis" (Lucas 11:9). Esperemos o melhor de Deus. Assistamos à igreja com a certeza de que Ele tocará o nosso coração.

Muitas igrejas são pobres e humildes na aparência e quanto aos membros. É mesmo possível que nenhuma pessoa ilustre assista aos seus cultos, mas Jesus Cristo está sempre presente! □

Por Que Vamos À Igreja?

• No capítulo 8 de Hebreus temos um quadro da Nova Aliança de Deus—Seu Novo Testamento—Sua nova relação com Seu povo. O escritor estabelece o contraste com a antiga aliança.

Há uma nova aplicação da lei de Deus (v. 10). Será colocada nas mentes e nos corações do povo de Deus —não somente gravada em tábuas de pedra.

Há uma nova relação divino-humana (v. 10): "Eles serão o meu povo". O povo escolhido de Deus agora inclui crentes de todas as nações, raças, climas e áreas.

Há um novo conhecimento de Deus (v. 11). Deus será real para quantos O procurarem. No Velho Testamento poucos tiveram esse conhecimento de Deus—Enoque, Abraão, Moisés e Isaías—mas agora, todos podem conhecê-lO pessoalmente.

Há um novo ângulo no julgamento: "Usarei de misericórdia com as iniquidades" (v. 12). O julgamento de Deus é temperado com misericórdia.

Há uma nova solução para o problema do pecado (v. 12). A confissão do homem, o arrependimento, a restituição originam o perdão de Deus. Ele também esquece o mal. Pecados confessados são esquecidos—lavados da mente de Deus—não mais lembrados contra nós.

A NOVA ALIANÇA DE DEUS

No capítulo 10, lemos dum novo acesso à presença divina (vs. 19-21). O véu que separava do Lugar Santíssimo foi rasgado do alto a baixo com a morte de Cristo. Agora todos temos acesso a Deus através do sangue de Cristo.

Há uma nova certeza, baseada numa consciência pura (v. 22). Este é outro tipo de revelação do "testemunho do Espírito"—Deus faz-nos conscientes de que Ele nos aceitou.

Há uma nova motivação no serviço (v. 24). Cada pessoa salva torna-se evangelista sob a nova aliança.

Há uma nova ênfase na assistência à igreja (v. 25). Em vez de um templo para adoração numa cidade santa, agora há milhares de lugares dedicados à adoração, louvor, comunhão, instrução e evangelismo. E a nova aliança de Deus diz a todos nós: Não faltes; assiste a todos os serviços e traz alguém contigo. Animem-se uns aos outros (ministério de visitação) a estar presentes, pois a vinda de Cristo está tão próxima! □

—Fletcher Spruce

BRASIL—QUINTO RETIRO DE OBREIROS

• Após mais um ano de trabalho em seus campos, os pastores da Igreja do Nazareno do Brasil se reuniram para o Quinto Retiro Pastoral, sob a direcção meticulosa do Rev. Joaquim António Lima, superintendente do Distrito Sudeste. Foi pregador especial o Rev. Jorge de Barros, Coordenador Administrativo da Junta Internacional de Publicações.

Houve sessenta e oito participantes. Da área pioneira do Nordeste, 2; do Distrito Sul, 11; do Distrito Sudeste, 55. Os Revs. Heap e Ludwig, superintendentes dos novos distritos, lideraram os seus respectivos grupos. Tivemos bela comunhão.

O encontro foi realizado, de novo, na Colónia de Férias dos Comerciários do Estado de São Paulo—Praia Grande. Cabe destacar a fidalguia dos funcionários, notadamente na pessoa do Sr. Odair Baeta, administrador da Colónia. Anfitriões autênticos!

Longe de ser tempo de descanso, a ocasião ofereceu um programa que incluía compartilhar lutas e vitórias, planos e alvos a serem atingidos nos próximos cinco anos. Foram realmente dias de actualização, desafio e renovação espiritual.

Houve uma série de conferências e estudos sobre várias áreas do ministério pastoral. Ouviram-se representantes da SEPAL (Serviços de Evangelismo para a América Latina), sobre métodos de crescimento da Igreja.

A professora Zilta de Carvalho Oliveira, trouxe aos pastores um curso sobre Técnica Gerencial, mostrando os caminhos para um melhor entrosamento entre líderes e liderados. Este curso elucidou bastante a função do pastor como administrador.

Sob a direcção de D. Frances Collins, foi apresentada uma pequena peça esclarecendo todas as mudanças ocorridas na nossa organização, pela agora chamada Junta de Vida Cristã.

Parte da assistência às reuniões.

MPO É MUNDO

Participantes do V Retiro de Obreiros, junto às instalações hospitaleiras da Colónia de Férias dos Comerciários de São Paulo.

No refeitório. Momento de convívio e troca de impressões.

Encontro histórico. Pela primeira vez, os três Distritos Nazarenos do Brasil se uniram num encontro de obreiros. Na foto, com Jorge de Barros, *(da esq. para a dir.)* o Director do Campo, Rev. R. Collins, e os superintendentes Rex Ludwig (Distrito Sul), Stephen Head (D. Nordeste) e Joaquim Lima (D. Sudeste).

Noções de Periodismo, agraváveis encontros nas tardes do retiro.

A missionária Margaret Wood apresentou, em estudo muito prático e ilustrado, o livro de E. L. Cattell, *o Espírito de Santidade.*

Vários líderes do Distrito Sudeste deram os seus relatórios e falaram de planos para o próximo ano.

O convidado especial, Rev. Jorge de Barros, informou os pastores acerca dos trabalhos da Casa Nazarena de Publicações. Ministrou um curso sobre Noções Periodísticas, visando princípios básicos a serem seguidos na elaboração de artigos. As mensagens proferidas pelo Rev. Barros foram profundas, edificantes e inspiradoras. Um tempo inigualável!

O Rev. Lima lançou os seguintes alvos para os próximos cinco anos.

1. Que os nossos planos girem em torno do que temos e possuímos.
2. Caminhar sozinhos como igrejas locais, isto é com as nossas próprias forças.
3. Crucificar o egoísmo regionalista.
4. Ver o Distrito no seu todo e não apenas o nosso reduto.
5. Criar congregações em pontos que produzirão igrejas no futuro.
6. Definir nossa posição no contexto das igrejas à nossa volta.

As palavras do Superintendente Lima realçaram os dias de vitórias em que vivemos. Este Retiro será um marco na história da Igreja do Nazareno do Brasil, pois sentimos que provocou reacções positivas.

Deus concedeu-nos ver o cumprimento do desafio contido no tema do encontro: "... Aperfeiçoados na Unidade".

Agora, de volta às suas igrejas, e muito animados, os pastores retomam a luta para o crescimento em Cristo Jesus. □

—Junia S. Romera
(Cronista)

(Fotos por João Arthur e Elinardo A. Oliveira)

Uma palavra de apreciação. Em nome dos 68 participantes, o Rev. Joaquim Lima ofereceu uma Bíblia com a assinatura de todos ao Sr. Odair Baeta, gentil administrador da Colónia.

SECOI

EUROPAISCHE BIBELSCHULE AND SEMINAR PHH
POSTFACH 109
8201 SCHAFFHAUSEN
SWITZERLAND

Dê a sua revista favorita a seus amigos favoritos

O ARAUTO DA SANTIDADE

Preencha, recorte e envie à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES

Nome _____ Nome _____
Endereço _____ Endereço _____

Nome _____ Nome _____
Endereço _____ Endereço _____

E.U.A.
P.O. Box 527
Kansas City, Missouri 64141

BRASIL
C.P. 1008
13.100-CAMPINAS, SP

CABO VERDE
C.P. 60
Mindelo, S. Vicente

PORTUGAL
R. Castilho, 209, 5°. E.
Lisboa 1

Assinatura anual—24 números—US$2.00